

COM OLHOS DE EDUCADORAS DA INFÂNCIA: A PARCERIA ENTRE PROFESSORA E COORDENADORA PEDAGÓGICA¹

Juliana Beatriz Machado Rodrigues², Aline Dezengrini De Souza³, Noeli Weschenfelder⁴.

¹ 1Relato de experiência de prática realizada de acompanhamento pedagógica entre coordenadora e professora de uma Escola de Educação Infantil de Santo Ângelo Aline Dezengrini de Souza², Juliana Beatriz Machado Rodrigues³, Noeli Weschenfelder⁴

² Docente do Curso de Pedagogia da URI – Campus Santo Ângelo e coordenadora pedagógica

³ Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências

⁴ Docente do Curso de Pedagogia e Mestrado em Educação nas Ciências

Introdução

A construção deste texto parte de uma produção anterior (SOUZA, RODRIGUES, 2013) que teve como objeto de discussão a constituição da docência e obteve como principal resultado que a mesma acontece na relação estabelecida entre educadora e coordenadora pedagógica diante disso, considerando a importância que a temática requer decidimos relatar esta parceria e os movimentos que aconteceram ao longo destes seis anos os quais estão descritas e analisados neste trabalho como discussões relevantes para pensar a formação em contexto dos profissionais de educação infantil.

Assim como para as crianças muitas são os inícios, as primeiras vezes, para nós enquanto educadora e coordenadora por vezes também o é, devido termos vivido uma Educação Infantil pautada na homogeneidade, no treino de habilidades e na ausência de protagonismo infantil. E este é o grande desafio posto a docência, romper com muitas destas concepções “mofadas” que nos constituíram enquanto alunas que fomos e agora precisamos viver com as crianças para compreender que existem outros jeitos de viver e ser educadora, ressignificando os conceitos que temos de escola infantil, docência e criança construídos ao longo do nosso percurso escolar.

Metodologia

Caracteriza-se como uma pesquisa participativa, onde o diálogo, parceria, reflexão, narrativas e trocas a compõem. Soares (2006, p.29) afirma que a pesquisa participativa é considerada um espaço: “intersubjetivo, em que confluem múltiplas formas práticas, conceptuais, imaginárias e empáticas de conhecimento, através de processos partilhados de produção de conhecimento, entre investigadores e investigados”.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

A autora ainda completa que “é também, um processo de investigação densamente trespasado de significados e valores” (p.29), ou seja, essa escolha metodológica implica na construção conjunta de um caminho e de conhecimentos partilhados. Estas estratégias foram organizadas a partir do acompanhamento docente semanal que acontece entre a professora e a coordenadora, onde primeiramente é entregue pela professora o planejamento, os registros diários da semana vivida e as demais documentações pedagógicas, posteriormente a leitura destes materiais é registrado as percepções, apontando sugestões e encaminhamentos pela coordenadora os quais são discutidos no acompanhamento, que consiste num de mais ou menos uma hora. Juntas estabelecem as prioridades, as importâncias, discutem as inquietações, os perspectivas, retomando alguns conceitos importantes, constituindo assim um processo de autoria, protagonismo docente frente às escolhas que vão se sustentando nas pistas que as crianças nos dão. Os dados foram coletados em diários de campo, fotografias, vídeos e nos planejamentos, registros e demais documentações pedagógicas elaboradas pela professora.

Resultados e discussões

O movimento de planejar, viver, documentar e partilhar com a coordenadora nossos percursos vividos com as crianças no início não é muito fácil, pois normalmente, temos uma ideia de preenchimento de documentos que nos são exigidos e isso faz com que não estabelecemos a intimidade (BARROS, 2003) necessária para que se dê vida e os reais sentidos para nossos registros. Esse processo só é possível quando começamos entender que os mesmos, por mais que sejam obrigatórios, não podem ser burocratizados, eles precisam ter cara de infância, vida, cor, cheiros, inquietações, desejo e movimento. Precisam ser construídos com o sentimento de pertencimento e autoria para assim, modificar o nosso cotidiano dentro das escolas de educação infantil, pois ao escrevermos “o nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhes outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários” (OSTETTO, 2008 p.13).

Assim, os encontros marcados entre coordenadora e educadora para olhar, pensar, refletir, acolher ideias, desacomodar nossas práticas e pensamentos, revisitar o vivido e o escrito para buscar transformação, faz com que iniciamos uma mudança interna e externa, pois além de travarmos diálogos teóricos-práticos, iniciamos uma relação de autoria, de pesquisa, de partilha, de comprometimento com o que estamos fazendo, pensando, desejando, buscando assim, qualificando todos os movimentos vividos na escola de educação infantil, principalmente o de ouvir, pois a escuta “torna-se, hoje, o verbo mais importante para se direcionar a prática educativa” (OSTETTO, 2000 , p.194).

Durante meu percurso aprendi a ouvir, os silêncios, os burburinhos, as resistências, as negações, os desejos e as necessidades das crianças, da escola, da equipe, mas também os meus e os nossos enquanto educadoras da infância.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Essas semanas vivi vários tempos, vários questionamentos que se repetem e trazem respostas e novos questionamentos, novos posicionamentos, mudança de lugares, papéis...uma crise que me impulsiona, no modifica, me alimenta, faz o meu dever professor pulsar incansavelmente, mas uma crise que também me angustia quando não encontro as respostas que busco. (registro diário - diário de campo – abril de 2013)

Nesse sentido, os acompanhamentos docentes são espaços por excelência de aprendizagem. Longe das obras verdes e enxadas as costas (BARROS, 2003) vamos “cavando” outros lugares para esta tarefa tão complexa e instigante que é ser coordenadora e educadora da infância. Momentos estes que necessitam de planejamento, perguntas que desestabilizem e ao mesmo tempo que acolham, leituras do contexto e de outros autores mais experientes que nos fazem pensar e problematizar os fazeres do cotidiano e, por fim nos modifique. Ao pensarmos ações, revisitamos escolhas, nos emocionamos e nos retroalimentamos com o vivido e com as reflexões que estabelecemos quando nos encontramos.

São espaços-tempos que por vezes se tornam tensos, críticos, outros empolgantes, sendo necessários propor estratégias que dialoguem com as diversas caminhadas docentes que nos deparamos. E é este encontro, que exige tempo, entrega, tolerância de compreender que o parece óbvio muitas vezes não é, justo porque nossos percursos, nossas experiências, nossas leituras são diferentes. Compreender este processo também nos mexe, nos movimenta a transformar o papel de coordenadora ao nos deparar com os questionamentos, falas, olhares, provocações e narrativas das professoras. Enquanto coordenadoras temos a corresponsabilidade com as coisas que acontecem na escola, com as escolhas, práticas, documentações pedagógicas (DALHERG, MOSS, PENCE, 2003), com o que está nas paredes, nas pastas das crianças, nos arquivos, enfim em tudo o que marca o tempo e a história da escola.

Processo este que não é simples, não acontece apenas com o desejo de mudança e num toque de mágica, ele é conquistado, dia após dia, nas leituras que elegemos, nas reflexões, nas trocas com os pares, buscando outros princípios “organizadores do trabalho pedagógico, (...)invenção; (...)escuta sensível, (...) e expandir as possibilidades inventivas e a capacidade criadora para (re)inventar, com as crianças, o cotidiano (PÉREZ e ALVES, 2012, p.296).

Mobilizadas neste caminho urgente e necessário a construir, processo que por vezes é singular e ao mesmo tempo coletivo, inacabado e permanente, ousado e alienado, nos provoca a buscar e o questionar-se para além das conversas, acompanhamentos e estudos propostos, aprendendo diariamente a se transbordar (BARROS, 2003). As reinvenções estão muito presentes no que venho vivendo na escola, com as crianças e com as professoras. Nos reinventamos cotidianamente, mas isso não ocorre naturalmente, é preciso sermos “cutucadas”, e aí entra as intervenções apimentadas e adocicadas da coordenadora.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Os acompanhamentos ao longo destes seis anos foram sendo modificados, da prescrição, estímulo-resposta, monólogos, foram cedendo espaço a autoria, problematização, construção de conhecimento e outros sentidos para estes momentos. O desafio vivido inicialmente era mobilizar o entendimento do porque fazemos ou não fazemos, às vezes este entendimento acontecia após a conversa, outras vezes é necessário muitas idas e vindas, para compreendermos o que é mais importante no dia da criança neste espaço coletivo, e que muitas vezes negamos isso, dando importância as ações que consideramos ser as únicas que as crianças estão efetivamente aprendendo.

Das escolhas teórico-metodológicas iniciais, planejamento de práticas pautadas em homogeneidades, na lógica de turno integral, controle do tempo, lista de atividades, no adultocentrismo, na preparação, na ausência da criança enquanto centro do planejamento, na concepção equivocada de espaços vivendo-os enquanto decoração ou mesmo como uma linha de produção (esgotavam-se as brincadeiras pela inexistência do retroalimentar com as pistas das crianças), cuidar X educar, na execução de tarefas comer, dormir, hora da atividade, da roda, invisibilidade (RODRIGUES, 2012) de alguns momentos foi preciso pensar, inventar, criar, repensar estratégias formativas para desnaturalizar algumas das práticas vivenciadas com as crianças.

Refletir sobre o que fazemos, o que estava exposto, o que ficava de tudo que era vivido com as crianças, o que era compartilhado com as famílias, nos aproximar o que escrevemos do que fazemos, fotografias, vídeos de cenas do cotidiano, socialização de outras práticas, trocas entre os pares da mesma escola, de outras escolas, relatos, artigos dos projetos vividos para serem apresentados no congresso, fóruns, portfólio das crianças foram os disparadores de mudanças, os quais produziram um movimento intenso no sentido de encarar tais lacunas como pautas de autoformação.

Diante de tais estratégias, os planejamentos, as práticas e as documentações pedagógicas começaram a ter outra cara, na compreensão da criança enquanto sujeito protagonista, na sua pluralidade e potência e a docência como um lugar de encontro entre autoformação e autoria, Na verdade, assumir uma imagem forte, rica e potencial da infância necessita uma correspondente transformação do papel do adulto (FORTUNATI, 2009, p.38)

Neste percurso foi preciso muitas vezes, determinar, intervir, ouvir, silenciar, não ter a resposta, dar tempo, ter tempo, viver o tempo, ser a ponte ou o ponto final, permitir fazer para compreender e aprender “quando olhamos o que fazemos pela falta nunca alcançaremos o que “julgamos” ser o ideal de educação, deixando de ver o quanto crescemos. (acompanhamento diário de campo, junho/2013)

Conclusão

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

A parceira entre coordenadora e professora, possibilita ir ao encontro dos nossos sonhos que por vezes estão longe e outros tão próximos, através de tentativas, novos olhares, fazeres, interrogações, equívocos, voltar, parar e redefinir o caminho, reinventando assim a docência e a coordenação pedagógica.

Os acompanhamentos docentes promovem movimentos datados e intensos na busca de nossa identidade enquanto docente, escola e coordenadora, vamos nos despidendo de concepções que até então faziam parte de nossos repertórios. Portanto podemos afirmar que ao longo destes seis anos aconteceram muitas mudanças e crescimentos emergidos através destes encontros, na busca de respostas que o cotidiano nos colocava.

Transitar do pensado ao vivido, dos questionamentos a práticas efetivas, das dúvidas as certezas mesmo que provisórias, do alienado para o extraordinário (BARBOSA, 2013) foram as estratégias formativas (RODRIGUES, 2013) que provocaram mudanças de concepções e de práticas. As fotografias eram outras, as escritas ora rasas tornaram-se mais intensas, reflexivas, provocativas, intencionais, por vezes transitavam entre o velho e o novo, o que nos remetia a ações de retomadas de percursos e de leituras.

Avaliando as potências destes momentos de partilha, compreendendo que é no coletivo que as práticas são (re)significadas, sobretudo tornando-o um espaço de excelência, de vida, de invenção, de construção de conhecimento, não permitindo espaço para a informalidade. A ausência destes momentos de acompanhamentos na escola faz com que o professor fique na reprodução, no abrir e fechar gavetas, nas imensas listas de atividades que visam docilizar os corpos das crianças, de preencher seus tempos de uma maneira esquizofrênica, empobrecida e esvaziada de sentido, indesejada pelas crianças e pelo docente.

Percebendo a potência que temos neste coletivo, na ousadia (FREIRE, 1992) de mudar, do atrever-se, encantando-se com as pequenas coisas, com as conquistas que por mais pequenas que fossem, elas acontecem e aconteceram, e irão continuar acontecendo nos achados de cada uma, do grupo. Cabendo a nós coordenadoras encontrar os perdidos (FOCHI, 2013), e esquecidos e nesta riqueza tecer juntas, transvendo outras possibilidades para a docência, para a coordenação, para a escola, para as famílias e é claro para a razão de existirmos as crianças.

Refletindo, interpretando, revisitando, reconstruiremos percursos mais humanos, inventivos, investigativos, inusitados, ousados, felizes, com respiros, criando memória, identidade e cultura pedagógica (FARIA, 2007). Documentar nossas práticas não é mais uma coisa a fazer, mas é o que nos diferencia e nos torna profissionais da infância.

Palavras-chave: acompanhamento docente, parceira, práticas pedagógicas.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo e cotidiano : tempos para viver a infância. Leitura: Teoria e Prática, Campinas, v.31, n.61, p. 213-222, nov/2013.
- BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: A infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- DALHBERG, Gunilla. MOSS, Peter. PENCE, Alan. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: FORMOSINHO, Julia Oliveira, KISHIMOTO, Tizuko Morchida e PINAZZ, Mônica Appezzato. Pedagogia (s) da Infância: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FOCHI, Paulo Sergio. “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?” documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2013.
- FORTUNATI, Aldo. A educação infantil como projeto da comunidade. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- OSTETTO, L.E. (Org.) Encontros e encantamentos da educação infantil. Campinas: Papirus, 2000.
- _____. Observação, Registro, Documentação: nomear e significar as experiências. In: Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org). Campinas, SP: Papirus, 2008.
- RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz & Terra, 2012.
- RODRIGUES, Juliana Beatriz. Nos achadouros da formação. Congresso de Educação Infantil do Sesc-RS. Porto Alegre, RS. 2013.
- SOARES, Natália Fernandes. A investigação participava no grupo social da infância. In: Currículo sem Fronteiras. Vol. 6, n.1, pp. 25-40, Jan/Jun 2006.
- SOUZA, Aline Dezengrini de, RODRIGUES, Juliana Beatriz Machado. Memórias da docência. Congresso de Educação Infantil do Sesc-RS. Porto Alegre, RS. 2013.
- TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. ALVES, Luciana Pires. Diálogos extemporâneos no cotidiano escolar: a pesquisa com as crianças. Educ. Tem. Dig., Campinas, v.14, n.1, p. 281-298, jan./jun. 2012